

Réplica: Os desafios da implantação da EAD

Reply: Challenges of Higher Education at a Distance

José Armando Valente

De modo geral os pontos de vista dos três colegas não divergem do que foi discutido no texto, pelo contrário, apontam pontos complementares que enriquecem ainda mais as idéias apresentadas. Porém, o mundo acadêmico vive e se desenvolve com base na troca constante de idéias entre pares e, neste sentido, sinto-me privilegiado e honrado por ter estes interlocutores e pela oportunidade de continuar o debate nesta réplica.

O primeiro ponto que gostaria de enfatizar é que a tentativa de caracterizar as diferentes abordagens de EAD não tem a pretensão de atribuir valor quanto à qualidade do que se propõe realizar. Como afirmam Maltempi e Moran, na sociedade atual a demanda por educação é cada vez maior e não é possível assumir uma postura elitista que entende educação, a distância ou presencial, somente como aquela que possibilita a construção de conhecimento. Em alguns momentos e circunstâncias a entrega da informação pode ser valiosíssima, do mesmo modo que em outras é fundamental que o aluno seja capaz de construir conhecimento. O que não é possível aceitar é uma proposta de EAD que especifique determinados resultados educacionais inconsistentes com a pedagogia utilizada. Assim, um primeiro desafio é saber apresentar uma proposta de curso EAD honesta e coerente com o que se faz e se espera como produto educacional desta ação.

O segundo desafio diz respeito ao que foi colocado por Margarete Axt, mostrando que a questão da construção de conhecimento, tanto no presencial quanto a distância, é muito mais complexa do que foi tratado no texto. Não se trata de resolver a questão pedagógica ou mesmo a simbiose tecnologia-pedagogia, pois, como ela discute, criar ambientes de aprendizagem que favoreçam a construção de conhecimento envolve uma mudança paradigmática na relação professor-aluno, que compreende a assunção da interação cooperativa, a assunção da complexidade conceitual e a assunção do acontecimento dialógico. Mudança que ainda não aconteceu nem mesmo nos ambientes presenciais!

O terceiro desafio diz respeito à implantação da abordagem *broadcast*, que Moran considera parcialmente verdadeira, uma vez que as experiências existentes de situações de entrega da informação por intermédio de CD-ROM, rádio ou mesmo TV têm sido complementadas por outras formas de mediação pedagógica. Moran menciona o caso dos telepostos do Telecurso 2000. De fato, os telepostos podem ser vistos como importantes soluções para auxiliar e complementar o processo de entrega da informação. Porém, cabe entender qual é a verdadeira contribuição desses telepostos. Eles podem ser ponto avançado de re-entrega da informação, no sentido de dispor de mais informação; ponto de avaliação presencial, exigido no processo de certificação; ou servir como local onde os alunos podem receber auxílio no processo de significação da informação recebida e, neste sentido, contribuir para o processo de construção de conhecimento do aluno. Entretanto, neste último caso, os profissionais que trabalham nesses postos devem estar preparados para interagir com os alunos de acordo com o que foi colocado por Margaret Axt. A questão, portanto, é verificar se esses profissionais estão preparados para isso. Se não estiverem, os telepostos estão cumprindo uma outra função e, com isto, prevalece a abordagem educacional que se limita à entrega da informação. Este tem sido um dos problemas das propostas de EAD: monta-se uma infraestrutura sofisticada com suporte da internet, teleconferência, material de apoio e postos de suporte, porém o que é realizado do ponto de vista pedagógico é pobre e se limita à visão *broadcast* ou à *virtualização da escola tradicional*.

Finalmente, as questões mencionadas estão, em grande parte, relacionadas com o desafio da formação de profissionais para atuarem nas atividades de EAD, como menciona Maltempi. A formação de educadores condizentes com as necessidades educacionais desta nova sociedade que vivemos tem sido um grande obstáculo a ser vencido e com a EAD não é diferente. No entanto, as ações de formação, usando a abordagem do *estar junto virtual*, que têm sido realizadas e estudadas, têm mostrado avanços que são difíceis ou mesmo impossíveis de serem obtidos em uma situação presencial. Isto tem sido possível, em parte, pelo fato de a interação professor-aluno ser mediada pela linguagem escrita, na qual as ações que os alunos realizam e a interação com o professor estão registradas e são passíveis de serem analisadas e comentadas, não só pelo professor, mas por todos os alunos. Esta possibilidade de todos, professor e alunos, poderem explicitar idéias e ações e estas serem refletidas pelos envolvidos no curso traz ao processo ensino-aprendizagem uma dimensão muito difícil de ser realizada no presencial. Como mencionado por Maltempi, os benefícios desta nova dimensão oferecida pela EAD foram descritos nos trabalhos publicados no livro *Educação a distância: fundamentos e práticas* (Moraes, 2000).

Os desafios são muitos, porém constituem interessantes tópicos de pesquisa e de estudo. Entendo que estamos em uma fase inicial e ainda aprendendo a explorar os potenciais da tecnologia na EAD. No entanto, como os três colegas, sou otimista em relação à contribuição da EAD para a resolução dos problemas da educação no Brasil. Espero que consigamos minimizar as questões decorrentes desta fase inicial, na qual muitos “gatos serão vendidos como lebre”, e que discussões como esta possam auxiliar a compreender os verdadeiros potenciais pedagógicos da EAD.

